

CAMINHOS PARA A PERMACULTURA POPULAR: EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO DO GRUPO SAUIPE – SAÚDE INTEGRAL EM PERMACULTURA

MARCELO LOURES SANTOS*
WILLER ARAUJO BARBOSA**
KYVIA GREGÓRIO CAON***

RESUMO

O presente trabalho se propõe a discutir as contribuições da Permacultura através da perspectiva da educação popular. Parte-se da premissa que há diferentes movimentos que buscam solucionar problemas diante da atual situação de desequilíbrio sócio-ambientais, por isso faz-se necessário encontrar alternativas para se alcançar a urgente sustentabilidade das ações humanas. Dentre elas, apresenta-se a Permacultura, a Agroecologia e a Ecopedagogia. Em específico trataremos da experiência desenvolvida pelo SAUIPE - Saúde Integral em Permacultura, um grupo de universitários que desenvolve trabalhos de educação, pesquisa e extensão. Esta experiência permitiu compreender a mediação necessária da permacultura com o meio popular, impulsionando ações de conscientização ambiental e humana entre seus participantes.

PALAVRAS-CHAVE: Permacultura, agroecologia, ecopedagogia, educação popular e formação de grupo.

ABSTRACT

PATHS IN POPULAR PERMACULTURE: THE EXPERIENCE OF THE SAUIPE GROUP - COMPREHENSIVE HEALTH IN PERMACULTURE

This study aims to discuss the contributions of Permaculture from a popular educational perspective. It is based on the premise that there are different movements which seek to solve problems related to socio-environmental imbalance. Therefore, alternatives to achieve urgent sustainability of human actions, such as Permaculture, Agroecology and Ecopedagogy, must be found. This paper reports the experience that was carried out by SAUIPE, Comprehensive Health in Permaculture, a group of college students that develops education, research and extension projects. This experience enabled them to understand the necessary mediation between Permaculture and popular environment, in order to trigger environmental and human awareness among its participants.

KEY WORDS: Permaculture; Agroecology; Ecopedagogy; Popular Education; Group Development

* Doutor em Psicologia e Professor Adjunto do Departamento de Educação da Universidade Federal de Viçosa. E-mail: marceloloures@ufv.br.

** Pós-Doutor em Filosofia e Professor Adjunto do Departamento de Educação da Universidade Federal de Viçosa. E-mail: wbarbosa@ufv.br.

*** Educadora Popular e Pedagoga pela Universidade Federal de Viçosa. E-mail: kyviacaon@yahoo.com.br.

INTRODUÇÃO

Estamos passando por momentos emergenciais. Anuncia-se que a vida planetária está diante de questões profundas quanto à manutenção da vida dos seres da superfície da Terra. O avanço dos meios tecnológicos, por um lado, possibilita aos seres humanos uma amplitude de conhecimentos sobre o planeta que vivemos e, ao mesmo tempo, contraditoriamente, os afasta de um contato direto com os sistemas naturais. A substituição de alimentos naturais por artificiais, de vegetação nativa por espécies exóticas, do trabalho humano pela máquina e a substituição do contato humano direto pelos meios virtuais, aponta um quadro de uma transformação ecológica. Estamos diante de uma situação na qual precisamos decidir entre manter sistemas patogênicos ou transitar rumo a uma mudança de cenário.

Diante das frustrações com as resoluções da Rio+20, encontramos no evento paralelo, a Cúpula dos Povos, a retomada das diretrizes da declaração ECO-92, sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento¹, a afirmação que os padrões de produção e consumo não seriam capazes de garantir aquelas condições de vida das populações humanas. Esta situação se traduz no fato de que uma pequena parcela da população consome recursos naturais em alta escala, gerando resíduos acima da capacidade de suporte do planeta, enquanto a maior parte da população vive sem o necessário para uma vida digna. Dessa forma deve-se considerar que os desequilíbrios ambientais estão diretamente correlacionados aos fatores sociais e políticos.

Nesse sentido, todos os setores de ordem social, passando pelas estruturas

¹A chamada ECO 92 se refere a II Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento Humano, realizada em 1992 no Rio de Janeiro. O principal tema discutido foi sobre o desenvolvimento sustentável e como reverter o processo de degradação ambiental. Contou-se com a participação de cerca de 172 governantes e cerca de 14 mil organizações não governamentais.

educacionais, políticas e econômicas, devem se transformar. Leonardo Boff (2005: 63), ao tratar da urgente necessidade da visão holística frente à realidade planetária, afirma ser necessário que “o bem particular se ordene ao bem comum, a economia se submeta à política, a política seja regida pela ética e a ética se inspire numa espiritualidade”. Portanto, repensar as relações humanas nos coloca diante de novos desafios que instigam novos saberes, conhecimentos, metodologias e estratégias de ação diante as questões planetárias.

Ao se referir aos sistemas educacionais, anuncia-se a interdisciplinaridade² e a transdisciplinaridade³ do conhecimento, na preocupação de solucionar problemas neste contexto das mudanças de paradigmas, além de uma busca incessante de ensaios metodológicos que se dispõem a trabalhar em prol de uma cultura da sustentabilidade.

No entanto, não cabe aqui se referir ao campo da educação como sendo o único responsável pelo processo de mudança de comportamentos no cuidado com a Terra, principalmente porque já se reconhece que as medidas realizadas pela Educação Ambiental realizadas nos últimos 40 anos não foram suficientes para cumprir medidas de transformação social/ambiental.

Para tanto, é necessário ir em busca de conhecimentos que dialoguem com este paradigma. Dentre eles, destacam-se correntes do pensamento holístico⁴ que vão ao encontro de modelos de organização

² A interdisciplinaridade busca o diálogo com outras fontes do saber. Amplia o conhecimento pela junção do senso comum e do saber científico (Fazenda, 2002). É a opção pela organização do currículo em áreas que congregam disciplinas com objetos comuns de estudo.

³ A transdisciplinaridade, como o prefixo “trans”, diz respeito aquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente, para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento” (Nicolescu, 1999).

⁴ Também chamado de pensamento sistêmico, trata-se da ideia de que um sistema quer se trate de seres humanos ou outros organismos, não podem ser explicadas apenas pela soma de seus componentes, mas pela inter-relação destes.

social baseados na capacidade de integrar sistemas sociais, políticos, econômicos, ambientais e culturais, orientando ações para mudança dos cenários vigentes. Nesta corrente, podemos citar diversas correntes pedagógicas, como: Pedagogia da libertação, Aprendizagem relacional, Educação associada, Aprendizagem transformativa, Aprendizagem experimental, Aprendizagem da ação, Pedagogia da Terra, dentre outros. Todas estas são entendidas como princípios e métodos de ensino, centradas em problemas de ordem social e ambiental.

Moacir Gadotti, na obra *Pedagogia da Terra* (2001), nos convida a pensar uma nova educação, baseada principalmente nas perspectivas da pedagogia da práxis⁵, onde trata das esferas da subjetividade, da cotidianidade e do mundo vivido, categorias que estruturam a vida cotidiana, levando em consideração as práticas individuais e coletivas, bem como as experiências pessoais. Trata-se aqui do movimento da Ecopedagogia, onde pauta-se a vivência do cotidiano, a partir das contribuições de Paulo Freire.

A ecopedagogia não é uma pedagogia a mais, ao lado de outras pedagogias. Ela só tem sentido como projeto alternativo global, em que a preocupação não está apenas na preservação da natureza (ecologia natural) ou no impacto das sociedades humanas sobre os ambientes naturais (ecologia social), mas num novo modelo de civilização sustentável do ponto de vista ecológico (ecologia integral) que implica uma mudança nas estruturas econômicas, sociais e culturais. Ela está ligada, portanto, a um projeto utópico: mudar as relações humanas, sociais e ambientais que temos hoje. Aqui está o

⁵As categorias "contradição", "determinação", "reprodução", "mudança", "trabalho", "práxis", "necessidade", "possibilidade" aparecem frequentemente na literatura pedagógica contemporânea, sinalizando já uma perspectiva da educação, a perspectiva da *pedagogia da práxis*. Essas categorias tornaram-se clássicas na explicação do fenômeno da educação, principalmente a partir de Hegel e de Marx (Gadotti, 2000).

sentido profundo da ecopedagogia, ou de uma pedagogia da Terra (GADOTTI, 2001: 94).

De acordo com Gutierrez & Prado (1999: 61),

...para que servem modelos e normas preestabelecidos se não tivermos a valentia de readequá-los as exigências da realidade, portanto, os procedimentos, indicadores e instrumentos pedagógicos requeridos pela cidadania ambiental tem que ser criados e recriados dia a dia, conforme as exigências da cultura da sustentabilidade.

Neste sentido, cabe um olhar para práticas que possibilitem um pensamento sistêmico, como o campo da Agroecologia⁶. Esta ciência pretende oferecer alternativas aos processos de adoecimento da vida no Planeta, como o envenenamento do solo, ar e água, exploração do trabalho humano, a pobreza e miséria, a matança de fauna e flora, desequilíbrio da base ecológica, urbanização descontrolada, dentre outros problemas. Juntamente com a Ecopedagogia, a Agroecologia coloca lado a lado questões ambientais e sociais, buscando soluções na articulação de diferentes saberes e conhecimentos desenvolvidos em sociedade.

Desta forma, encontramos diferentes concepções ligadas à educação ambiental, desde aqueles que apelam para a chamada da consciência ecológica através de campanhas e anúncios contra a extinção de espécies animais e vegetais, até as que oferecem uma lente para olhar a complexidade dos fenômenos ambientais e sociais.

⁶Mussoi & Pinheiro (2002) consideram a Agroecologia como baseada em princípios como a diversidade, solidariedade, cooperação, respeito à natureza, cidadania e participação, viabilizando oportunidades de reflexão crítica sobre a sustentabilidade dos agricultores e alternativas às lógicas da globalização e padronização, com possibilidades de distribuição mais justa de renda, poder e responsabilidades entre os atores envolvidos. E neste sentido a agroecologia é compreendida, portanto, não só como ciência, mas também como movimento social.

A partir dessas abordagens, um grupo de estudantes universitários passa a integrar dois movimentos, desenvolvendo trabalhos de educação e extensão orientados por dois eixos: a Permacultura e a Agroecologia. Essas orientações passam a dialogar no SAUIPE. Neste sentido, o presente artigo irá discorrer sobre a experiência realizada neste projeto, tecendo-se breves relatos e análises sobre como a Permacultura foi trabalhada, voltando-se para a geração da autonomia social dos grupos trabalhados e para o debate das problemáticas enfrentadas com a crise ambiental. A partir da experiência do SAUIPE, questiona-se se ela foi reconhecida e apropriada pelos sujeitos inseridos no movimento popular.

PERMACULTURA E EDUCAÇÃO POPULAR: TENTATIVA DE APROXIMAÇÕES

Embora não seja recente, a discussão sobre a ecologia ampliou seu escopo como tentativa de responder ao modelo de degradação ambiental, iniciado nos anos 50 e 60, com a introdução de insumos agrícolas à produção de alimento. Os movimentos ecológicos eclodem neste contexto, questionando os insumos advindos do lixo químico proveniente da 2ª. Guerra Mundial, além dos maquinários que aparecem com força máxima para exploração dos recursos naturais.

Segundo Cardoso (2008: 11), “a destruição ganhou novo impulso com a modernização da agricultura, em um modelo conhecido como ‘Revolução Verde’, também gestado fora dos trópicos” e a principal proposta era acabar com a fome, mas o que ocorreu de fato foi a valorização dos grandes latifúndios e empresas de insumos agrícolas. Ainda, segundo a autora, suas consequências são várias, como “a perda da biodiversidade, a poluição das águas por fertilizantes e agrotóxicos e a erosão dos solos, o envenenamento do agricultor pela (má?) utilização dos

agrotóxicos” (CARDOSO, 2008: 11).

No entanto, as principais ações para estabelecer a tomada da consciência ambiental não partiram apenas de movimentos marginais, mas também foram desenvolvidas por grupos hegemônicos. Um marco desta caminhada ecológica foi a elaboração de um dos documentos importantes pela sua repercussão entre os cientistas e os governantes, o *Relatório Meadows*, conhecido como *Relatório do Clube de Roma*, propondo crescimento econômico zero. Este documento influenciou, de maneira decisiva o debate na Conferência de Estocolmo em 1972 e marcou o início da busca de elementos de mitigação dos efeitos das mudanças climáticas. Deste encontro saíram 26 princípios contidos na "Declaração sobre Meio Ambiente Humano", estipulando planos que resolvessem os conflitos entre as óticas e práticas de preservação ambiental e do desenvolvimento. Pela primeira vez a temática da Educação Ambiental ganha ênfase, como forma de orientar grupos e indivíduos humanos.

Dentre os movimentos ambientalistas de base política e social, destaca-se a Permacultura que emerge das camadas médias, mais precisamente na Austrália, nas chamadas ecovilas. As ecovilas representam um modelo de comunidade humana que se baseia em princípios ecológicos que focalizam a integração das questões culturais e socioeconômicas como parte de um processo de crescimento compartilhado. Seus idealizadores, Bill Mollison e David Holmgren sistematizaram os conhecimentos da Permacultura na compreensão que prevalece hoje em dia. Estes autores articularam conhecimentos ancestrais, habilidades, sabedoria tradicional e informação moderna sobre plantas, animais e sistemas naturais. Propuseram um pensar sistêmico onde as relações humanas se entrelaçam na teia da ecologia.

A Permacultura hoje se caracteriza pela utilização de métodos ecologicamente saudáveis, economicamente viáveis e

tecnicamente adequadas, que respondam às necessidades básicas sem explorar ou poluir o meio ambiente, e que se tornem autossuficientes em longo prazo. Alinha-se plenamente com a "Ética do Cuidar", um dos princípios da permacultura que pressupõe o estímulo a que nos tornemos parte consciente de soluções para inúmeros problemas que enfrentamos local e globalmente (LEGAN, 2004). Falar e pensar a Permacultura, portanto, é passar a planejar e criar ambientes humanos a partir da observação e integração com a natureza, uma vez que esta serve de guia para construir relações humanas mais saudáveis e sustentáveis.

Englobando esse "pensar sistêmico", encontramos na Permacultura princípios e éticas que, segundo Holmgren (2002), foram retirados de pesquisas em comunidades tradicionais, dos quais foram adotados por religiões antigas e grupos cooperativistas. Desta forma, encontramos sete pilares: educação e cultura, saúde e bem estar espiritual, economia e finanças, posses da terra e comunidades, manejo da terra e da natureza, espaço construído, ferramentas e tecnologia. E outra parte de orientação com doze princípios: observe e interaja, capture e armazene energia, obtenha um rendimento, pratique a autorregulação, use valorize recursos e serviços renováveis, não produza lixo, desenhe partindo dos padrões para chegar aos detalhes, integre em vez de segregar, use soluções pequenas e lentas, use e valorize a diversidade, use as bordas e valorize os elementos marginais, use a mudança e responda a ela de modo criativo (Molisson & David, 1983).

Por entender que são fundamentais as incorporações de diversos conhecimentos, o pilar da educação na ótica da permacultura se encontra no movimento da Educação GAIA⁷, que busca

estruturar um currículo fundamentado em quatro dimensões: visão de mundo, onde encontramos uma visão holística, colocando a sociedade humana e sua relação como o mundo natural refletida de maneira dinâmica e interligada. No campo social propõe construir "comunidades cooperativas e harmoniosas" a partir do modelo de Ecovilas. Na dimensão econômica sugere a movimentação da economia local, de forma que esta se auto-sustente pela não dependência de elementos administrados por um grupo, mas fundamentalmente que seja por pequenos grupos interligados. O plano ecológico é a base do *design* e do desenvolvimento das relações humanas, tendo, por exemplo, assentamentos humanos como sistemas vivos auto-suficientes, que se mantêm, se regeneram e assumem vida própria.

Percebe-se, que a mudança de paradigmas aqui proposta se refere a um rompimento de hábitos, valores e costumes cristalizados, e por isso se apresenta como um trabalho desafiador. Principalmente porque os processos educativos envolvidos neste campo são lentos no que se refere à transformação do comportamento das pessoas, e diante desse aspecto é necessário trazer à tona alguns componentes necessários para aproximar o sujeito de transformações necessárias. Pensada e praticada há menos de 40 anos, a Permacultura é um conceito relativamente recente, embora já seja possível analisar alguns de seus resultados. Colocamos, portanto, as seguintes questões: Onde podemos vivenciar a Permacultura? Quem está praticando este conhecimento? Com quem pratica?

Nos últimos dez anos presenciamos um crescimento de institutos, Ecovilas, cursos e vivências em Permacultura. No entanto, o movimento de

⁷ A proposta da educação GAIA inicia-se em 1998 por educadores de Ecovilas que criaram um programa com base em um currículo que trabalha quatro dimensões, citadas no texto. Tal currículo recebeu no ano de 2005 o endosso

intelectual da (Instituto para Treinamento e Pesquisa das Nações Unidas) e é instituído como uma contribuição oficial à Década Internacional da Educação para o Desenvolvimento Sustentável da ONU (2005-2014)

projetos para as camadas populares no Brasil cresce a passos lentos. Esta preocupação em tornar a Permacultura popular tem o intuito de buscar transformações possíveis junto às camadas populares, pautando-se por melhores condições de vida, democracia e cidadania.

Neste sentido, encontra-se na Permacultura popular o potencial de ser reafirmada como um campo de conhecimento que permite o trabalho com setores das camadas populares, tanto do campo e quanto da cidade. Como oriundos do meio popular considera-se aqui aqueles sujeitos que estão excluídos da tomada de decisão sobre os poderes políticos e econômicos. Encontra-se nos setores populares agricultores e agricultoras, jovens do campo, operários (as), sindicalistas, sem terras, comunidades tradicionais, dentre outros.

A educação popular não é um “método conscientizador”, mas é um trabalho sobre a cultura que faz da consciência de classe um indicador de direções. Ela procura ser, portanto, não a afirmação da possibilidade de emergência de uma educação “para o povo” – mas a da necessidade da utopia da transformação de todo o projeto educativo a partir do ponto de vista e do trabalho de classes populares. Por isso pensa-la como um trabalho do próprio povo, a que o educador é chamado a participar para contribuir. (Brandão, 2006.p.89)

A busca da educação popular é pela participação de sujeitos nos debates ambientais, políticos e econômicos, empoderá-los de voz diante a problemática enfrentada por toda comunidade humana. A partir do momento que se inicia a prática com sujeitos do meio popular, inicia-se também um processo de resgate de conhecimentos que foram culturalmente ignorados pelo meio científico. Para esta transposição, no entanto, só poderia ser reformulada, segundo Boaventura (2005), através de uma ecologia de saberes, que

consiste na promoção de diálogos entre o “saber científico ou humanístico, que principalmente a Universidade produz, e saberes leigos, populares, tradicionais, urbanos, camponeses, provindos de culturas não ocidentais que circulam na sociedade” (SANTOS, 2005:76).

A FORMAÇÃO DO SAUIPE

A organização de grupos humanos e a institucionalização de espaços de referência fazem com que a Permacultura ganhe cenário mundial. Com a difusão de cursos e vivências, encontra-se hoje um crescimento considerável de profissionais que estudam metodologias e dinâmicas para o ensino da Permacultura. Destaca-se aqui o PDC (Certificação em Permacultura e Design), um curso intensivo de práticas e estudos em permacultura, que vem a impulsionar pessoas a pensar e a viver uma vida sustentável.

Encontra-se nesta rede, a experiência do grupo SAUIPE (Saúde Integral em Permacultura). Formado por estudantes universitários da UFV de diversas áreas do conhecimento como agronomia, engenharia florestal, pedagogia, engenharia ambiental e geografia. Este grupo iniciou seus estudos e práticas no ano de 2005, ainda com o nome CEP- Centro de Estudos em Permacultura, buscando experimentar e vivenciar práticas de Permacultura em sítios rurais, e permaneceu por um tempo nesta vivência inter-relacional, buscando interação com o meio acadêmico como oferta de cursos, vivências e eventos em espaços públicos.

No ano de 2007 o grupo organiza o curso de PDC nestas regiões, recebendo instrutores de permacultura e um público diverso de acadêmicos e moradores locais. Neste momento amplia-se a possibilidade de comunicação com outros grupos envolvidos em temáticas similares aos da Permacultura, como o movimento da Agroecologia.



FIGURA 1: CEP- Centro de Estudos em Permacultura (Ano2008)

Após algumas inserções, o grupo parte para uma busca de ressignificação dos conhecimentos da Permacultura, com base principalmente em experiências já concretizadas pelo movimento agroecológico reconhecido na região. O SAUIPE, assim, passa a se articular a outros grupos agroecológicos da UFV e a incluir diversos estudos e práticas nos conhecimentos da Permacultura, como a temática da Saúde Integral para os seres vivos, a partir, principalmente, de estudos sobre terapias naturais, "eco-homeopatia"⁸, geobiologia, radiestesia, dentre outros. Após dois anos realizando o PDC, o grupo passa a se chamar SAUIPE (Saúde Integral em Permacultura).

O fazer-pensar da Permacultura proposta pelo grupo SAUIPE passou por

diversas modificações, tendo experimentado práticas de autogestão, uso de metodologias participativas, além de propor e desenvolver atividades de extensão e ensino, o que ampliou a perspectiva da própria prática do grupo.

Na perspectiva de popularizar os conhecimentos em Permacultura, o grupo SAUIPE se insere na proposta do Programa de Extensão Universitária Teia⁹, passando a intervir junto às comunidades rurais como atividade de extensão, assumindo ainda a formação de parte dos membros do grupo. Neste contexto amplia-se a rede de

⁸Ser homeopata é pensar na saúde como fluxo da vida. Estar adoecido é obstaculizar a vida e, portanto, encontrar a saída é encontrar a saúde. Percebemos que a saúde se relaciona com o meio -Eco-homeopatia- e portanto modificando o meio alteramos a saúde pois o meio ambiente é "bi" e se dá pela relação homem-mundo(CRUZ & CRISCUOLO,p2.2011).

⁹ O Programa de Extensão Universitária Teia está em vigor desde o ano de 2005. O TEIA consolida diversos projetos que compartilham uma concepção metodológica de extensão universitária, baseada na construção do conhecimento, na atuação interdisciplinar e na relação com as comunidades e ou movimentos sociais; se propõe em oferecer visibilidade a estas propostas, concepções e práticas metodológicas; em possibilitar a troca de experiências entre os atores dos projetos e promover a reflexão conjunta dos diversos temas que os compõem e em viabilizar a continuidade dos projetos através do financiamento de suas ações.

contatos do grupo, principalmente ao inserir projetos de Permacultura em diferentes temáticas, como habitações em comunidades rurais, saneamento ecológico

em áreas de reforma agrária, e ao realizar cursos e eventos para o público Universitário, projetos educacionais em escolas na zona rural, dentre outros.



FIGURA.2: Encontros do Programa Teia- Interações de projetos (ano2008)

Nestas práticas vinculadas à educação popular, o grupo buscou o aporte político e teórico em Paulo Freire que, junto ao trabalho com os movimentos populares, fez emergir a significação do que seria um ato pedagógico mais próximo da realidade dos educandos, tratando-se de um "lugar" onde as pessoas aprendem e ensinam ao mesmo tempo.

Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os "argumentos de autoridade" já não valem (Freire, 1987: 68).

A busca pela participação de sujeitos do meio popular nos debates ambientais, políticos e econômicos passa então a ser pauta de reflexões e ações dentro das atividades do SAUIPE. Passou-se a desenvolver atividades que considerassem que a Permacultura deveria ser realizada em um sistema de troca de aprendizagens, compreendendo a realidade de cada grupo envolvido, levando em conta seus conhecimentos. Por isso cada sujeito

seria autor e possuiria direitos para questionar as ações propostas e assim se apropriar de fato deste fazer e deste pensar da Permacultura.

FORMANDO REDES

Ao longo do trabalho com o grupo SAUIPE, nos deparamos com diversas interpretações conceituais sobre a Permacultura. Uma das preocupações em destaque posta do grupo era que a Permacultura não poderia ser compreendida apenas como um conjunto de técnicas, mas precisaria desenvolver uma metodologia de trabalho na qual compartilharia experiências e conhecimentos para contribuir no movimento de mudança das ações humanas na relação com o meio ambiente.

Percebeu-se que ao construir uma proposta de trabalho social não seria possível estar desarticulado com os demais movimentos, passando o grupo a incorporar principalmente as experiências da Agroecologia, para só assim conseguir sustentação para os trabalhos com a Permacultura.



FIGURA 3: Atividade SAUIPE e demais grupo de agroecologia (Feira de trocas, ano2011)

Assim, as atividades em Permacultura realizadas pelo grupo SAUIPE passam a incluir os conhecimentos da Agroecologia, e a partir da inserção de ações nestas redes, criam conexões com Projetos de Extensão vinculados às Escolas Famílias Agrícolas (EFAs)¹⁰ da Zona da Mata mineira (ZM) como: (i) Filosofia na EFA Paulo Freire, orientado pelos princípios da Ecopedagogia e pautado na Carta da Terra (1992); (ii). Educação Ambiental na EFA Jequeri, visando a tomada de decisões conscientes e autônomas de educandos e agricultores para uma agricultura sustentável e (iii) com um projeto realizado em um assentamento de reforma agrária, o Assentamento Olga Benário; (iv) junto com grupos de agricultores e agricultoras familiares da região a partir da articulação com o Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata Mineira (CTA-ZM). Essas interações foram pautadas fundamentalmente na necessidade de articular as ações realizadas em permacultura com as atividades já estabelecidas no contexto da construção do

¹⁰As EFAs são instituições escolares de base comunitária, que de acordo com art. 20 inciso II (LDB DE 9394/96), nasce das comunidades e organizações populares e busca atender as necessidades de formação da população do campo. Oferecem ensino fundamental e médio integrado ao ensino técnico agropecuário.

conhecimento agroecológico na região, voltadas principalmente para a agricultura familiar.

Portanto, o desenvolvimento de projetos realizados de maneira coletiva com outros grupos, fez com que o grupo SAUIPE produzisse diversos conhecimentos que se articularam na construção de uma *práxis*, com todos os desafios de aproximar os saberes acumulados pela permacultura com o aporte acadêmico e o saber popular.

Essa articulação e o desenvolvimento dos trabalhos junto aos movimentos populares, principalmente através do trabalho Programa de Extensão Universitária "Teia", produziu uma abertura para uma universidade mais aberta, popular e solidária, voltada para uma formação acadêmica mais humana, dotada de responsabilidade social e ambiental.

A EXPERIÊNCIA DA PERMACULTURA NAS EFAS

Como fruto destas articulações, destacamos a inserção do Projeto "Caminhando com a Permacultura na Zona da Mata Mineira" realizada nos anos entre 2008 a 2010, juntamente com jovens de Escolas Famílias Agrícolas (EFA's).

Segundo SILVA (2003, p.265), as EFA's se encontram num contexto em que as "concepções e iniciativas orientadas pelas políticas educacionais enfatizam uma educação calcada na realidade de vida dos jovens do meio rural e adaptada as condições da agricultura". E é no contexto das problemáticas ambientais e sociais que as EFA's da Zona da Mata vêm trabalhando insistentemente na região, através principalmente das próprias disciplinas curriculares e pela parceria de projetos que atuam em diversas áreas do conhecimento.

Desta forma, o projeto buscou parceria com a EFA Paulo Freire-município de Acaiaca no ano de 2008 a 2010, com EFA Puris - município de Araponga, EFA Serra do Brigadeiro - município de Ervália, e EFA Jequiri, estes durante os anos de 2009 e 2010. As atividades foram realizadas através de disciplinas como a Filosofia,

Sociologia/Extensão Rural e Construções Rurais, contribuindo para a implementação efetiva da parceria projeto-escola e a comunidade do entorno.

Buscou-se também fortalecer a rede de Educação do Campo em Alternância, por isso a articulação a outros projetos também atuantes em EFA's como já citados os projetos FinaEFA – Filosofia na EFA Paulo Freire e Educação Ambiental na EFA de Jequiri. Assim, as ações dos projetos articulados junto às escolas potencializaram os processos de ensino-aprendizado a partir de trocas de experiências e fazeres educativos entre Universidade, comunidades e Escolas Famílias Agrícolas, marcada por valores de partilha e solidariedade, por novas relações de parceria, e a busca para praticar uma extensão voltada para as reais necessidades das escolas envolvidas.



FIGURA 4: Articulações entre projetos E.A. – Jequiri; Permacultura - EFA Puris; Projeto FinaEFA - EFA Paulo Freire (anos 2008, 2009, 2010).

As metodologias de trabalho se fizeram participativas, à medida que se priorizou diálogos, tanto com os educandos e educandas quanto com projetos parceiros, enfatizando as trocas de conhecimentos e a valorização do saber de cada um. (FREIRE, 1994).

Em um primeiro momento foram realizadas oficinas que buscaram diagnosticar a realidade de cada sujeito envolvido nas ações, tanto das escolas, quanto das comunidades. Deste modo foram levantados as principais ações e temas a serem

trabalhados em circularidade com os eixos temáticos centrais da Permacultura, como habitações sustentáveis, reciclagem de energia, produção de alimentos, educação e economia solidária, em sintonia com as demandas e problemáticas das realidades encontradas.

Foram, portanto, realizados durante o período de três anos de projeto, cerca de trinta oficinas teórico-práticas envolvendo a temática de Permacultura, conjuntamente com temáticas de projetos parceiros, como por exemplo, os estudos de Filosofia. As

atividades procuraram conscientizar, por meio da Permacultura e Agroecologia, os/as educandos/as quanto ao manejo sustentável dos solos e recursos hídricos, apontar questões quanto à saúde dos seres humanos e ambientes, principalmente abordando a contaminação de agrotóxicos usados em áreas agrícolas. Também foram desenvolvidas atividades demandadas pelas escolas, como a criação de áreas experimentais para que os educandos pudessem ter experiências das diversas formas de plantio, atividade esta bastante incentivada dentre as disciplinas para formação profissional dos educandos.

Dentre as oficinas, uma delas foi a “Horta em Mandala”, um tipo de plantio realizado em formas circulares (ou seguindo outras formas desejáveis). Este

trabalho é muito difundido pela Permacultura, pois envolve princípios como sucessão natural, melhor uso dos espaços, diversificação de plantas, integração animal, dentre outras. Esta proposta nas EFA's foi elaborada conjuntamente com parte do corpo docente, e interligada com as disciplinas curriculares, como matemática, geografia, construções rurais, artes e agroecologia. Durante esta oficina foi apresentada aos educandos, de maneira teórica, a proposta de trabalho, desde o planejamento e materiais necessários para construção do sistema. Foram realizadas dinâmicas que procuraram facilitar o entendimento dos educandos sobre aquela prática, assim como fundamentá-la dentro da proposta do planejamento da Permacultura.



FIGURA 5: Oficina do SAUIPE- EFA-Puris (Construção da horta em mandala -ano2009)

Um dos resultados desta oficina, em um primeiro momento, foi a organização dos educandos para nos anunciar que o projeto em Mandala era “utópico”, e que preferiam realizar o plantio de acordo com a prática que já conheciam, ou seja, canteiros quadrados e o plantio feito de apenas uma espécie por canteiro. A partir deste posicionamento, foi feito o acompanhamento desta iniciativa a partir do diálogo com os/as educandos/as. Junto com a equipe executora do projeto e membros da escola, verificou-se que aquela prática serviu como diagnóstico, principalmente no que se refere aos

conhecimentos adquiridos pelos/as educandos/as no trabalho de Agroecologia oferecido pelas EFA's.

Pois logo que os/as educandos/as realizaram o plantio do "jeito que já conheciam", os canteiros foram feitos no chamado "morro a baixo", sem consideração aos princípios da agroecologia anteriormente estudados, como o manejo de solos e o respeito à diversidade de espécies.

A avaliação desta atividade, por garantir o espaço de diálogo, aprendizagem recíproca e a autonomia dos sujeitos, teve importante função para que a própria

instituição revise seus planos e metodologias de trabalho. Em outras palavras, os/as educandos/as intervieram na atividade, fizeram suas escolhas, mostraram seus conhecimentos, refletiram e re-significaram suas práticas.

Em um sentido diferente, a mesma oficina de horta em Mandala, na parceria entre o projeto de Permacultura com o projeto de Educação Ambiental na EFA de Jequiri, teve outra repercussão por parte da escola e educandos/as. Segundo Lins (2009), após a implantação do sistema de plantio na EFA-Jequiri, verificou-se que alguns/as educandos/as passaram a implantar os sistemas em mandala em suas propriedades, e a diversificarem mais a produção.

Isso significa que os trabalhos realizados com a Permacultura ganharam diversas reflexões, através das parcerias entre projetos, entre escolas e entre os educando/as. Evidenciou-se o potencial das EFA's no fortalecimento das discussões acerca da Agroecologia e da Permacultura, uma vez que posiciona os projeto parceiros com as principais questões em relação as relações sociais, culturais e ambientais enfrentadas no meio rural.

Para tanto, a repercussão das atividades desenvolvidas desencadeou algumas ações importantes no contexto da escola, como a organização dos educandos que apresentaram suas sugestões e opiniões a respeito da Permacultura. Também foi possível detectar algumas dificuldades metodológicas enfrentadas pelas escolas, como exemplo do próprio entendimento da Agroecologia por parte dos educandos, o que foi possível contribuir para algumas mudanças teóricas e práticas oferecidas no contexto das disciplinas curriculares.

Principalmente através da alternância educativa, as ações do projeto ganharam ênfase, a partir principalmente da conquista da autonomia dos atores envolvidos, tanto educandos/as, monitores/as e outros membros da comunidade. Percebeu-se que, a partir da alternância escola-comunidade, o

aprendizado se tornava realmente significativo, os sujeitos se reconheceram nas atividades, passando a relacionar os estudos com suas vidas cotidianas. Pois, segundo Barbosa (2004), a Pedagogia da Alternância é uma pedagogia do diálogo e da ação, onde diversos autores sociais participam do processo de transformação da realidade numa relação horizontal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A Permacultura é um conhecimento que merece mais estudos e contribuições acadêmicas, uma vez que suas propostas estão sendo ampliadas de maneira formal e não formal em diversos setores da sociedade, principalmente no contexto das mudanças de cenários políticos, econômicos, sociais e ambientais.

Buscou-se durante o trabalho, contribuições de estudiosos da educação como Boaventura Souza Santos, Carlos Rodrigues Brandão, Paulo Freire, Moacir Gadotti, Irene Cardoso, Willer Barbosa, Francisco Gutiérrez e Cruz Prado, no intuito de se levantar questões sobre a educação para que a Permacultura seja construída em cima de uma proposta mais popular e democrática.

Para tanto, podemos considerar que a construção do conhecimento em Permacultura desenvolvido no contexto do grupo SAUIPE começa a emergir, num contexto que envolve a formação de pessoas e grupos humanos (agricultores/as familiares, acadêmicos e outros sujeitos) com a justificativa de compartilhar os conhecimentos adquiridos de forma a promover a autonomia econômico-social entre os envolvidos e construir uma cultura da sustentabilidade.

Além disso, os ensaios metodológicos da educação popular, como base para as atividades desenvolvidas, proporcionaram uma complementaridade de propostas, já que, a todo o momento, o contexto e as realidades locais serviam como substrato para o planejamento de

novas ações, guiadas constantemente por uma visão multifocal.

Dessa forma, ainda em consonância com os propósitos da Educação Popular, a equipe de estudantes e profissionais aprendeu ao ensinar; formou-se ao formar. O trabalho em grupo não é tarefa fácil, foi necessário uma recolocação dos papéis que desempenhamos e um re-significar a todo o momento de nossas práticas e teorias.

Nesta perspectiva, junto ao Programa de Extensão Universitária Teia foi possível vivenciar espaços de diálogo e reflexão sobre nossas práticas à medida que propôs contatos entre fazeres e saberes de agricultores e agricultoras com o saber universitário. O resgate às histórias de vida de cada sujeito envolvido no processo começou a se acentuar nos fazeres acadêmicos e demais atividades, tendo cada vez mais claro que a preocupação com as questões ambientais precisam passar pela sensibilização, por práticas e vivências para terem sentido e promover mudanças significativas.

Principalmente pelo contato do grupo SAUIPE na experiência em extensão, foi possível compreender a mediação necessária com o meio popular e o respeito entre as relações humanas em prol de um único conhecimento, aquele em prol da vida. Também, as discussões e breves análises sobre os campos de estudos da Agroecologia e agora mais profundamente da Permacultura, impulsionaram ações de conscientização ambiental e humana para todos aqueles que se formaram no contexto do SAUIPE, sendo possível reconhecer que a Permacultura faz parte de nossas relações pessoais.

Em termos de projeção futura, é prevista ao SAUIPE a caminhada por mais alguns anos, no desenvolver de atividades que promovam uma formação universitária diferenciada, na busca de ampliar os conhecimentos acadêmicos em uma ótica mais humanitária e significativa para aqueles envolvidos. É possível visualizar a

contribuição na formação de sujeitos no enfrentamento de problemáticas locais e possivelmente buscar consolidar a equipe de profissionais atuantes no grupo. Faz-se momento do grupo ampliar suas redes de contatos, no intuito de divulgar os aprendizados obtidos desde sua criação (como estudos sobre mudanças climáticas, pico do petróleo, energias renováveis, dentre outras), à medida que oferecer abertura para parcerias de organizações e grupos que caminham na perspectiva de mudanças de cenários. É desejável que o grupo, atento a esta chamada, busque compartilhar ao máximo, possíveis estratégias para minimizar os impactos ocorrentes da atual crise ambiental.

A partir de tantas experiências vivenciadas no grupo SAUIPE, acreditamos ainda que construir o conhecimento em Permacultura é um desafio ainda em seus primórdios. Enfrentamos desafios a cada dia, mas sabemos o quanto o trabalho de grupo nos acrescentou enquanto sujeitos profissionais e, principalmente, tornando-nos sujeitos mais humanizados e integrados para o cuidado com a Mãe-Terra.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Willer Araújo; TEIXEIRA, Maria do Carmo; LIMA, Elianeide N.; OLIVEIRA Suely; REIS, Cleivene P. ; RIBEIRO, Simone. *Alternância educativa: saberes em movimento*. Educação de jovens e adultos: estudos e práticas do Campo. Florianópolis: Centro de Ciências da Educação, UFSC, 2004.

BOFF, Leonardo. *Virtude para um outro mundo possível*. Petrópolis: Animus/Anima Produções, 2005.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação popular?* São Paulo: Brasiliense, 2006. Col. Primeiros Passos.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases para Educação*. Lei 9394. Brasília, 20 dez. 1996.

CAPORAL, Francisco R.; COSTABEBER, José A. *Agroecologia: enfoque científico e*

- estratégico. Porto Alegre: EMATER/RS, 2002.
- CARDOSO, Irene M. Manejo agroecológico do solo. *Agriculturas*, v. 5, n. 3. p. 11, set. 2008.
- CRUZ, Nina Abigail C.; CRISCUOLO, Myriam Rafaella R. *Introdução à homeopatia: filosofia e princípios*. Viçosa:
- FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. *Interdisciplinaridade: um projeto em parceria*. 5° ed. Edições Loyola. São Paulo, Janeiro 2002.
- FREIRE, P. 1994. *Educação e mudança*. Ed. Paz e Terra, 20ª edição. Rio de Janeiro, RJ.
- _____. *Pedagogia do Oprimido*. 32° ed. Paz e Terra. São Paulo, 1987.
- GADOTTI, Moacir. *Pedagogia da Terra*. São Paulo: Peirópolis, 2001.
- _____. *Perspectivas atuais da educação*. vol.14 no.2 São Paulo Perspec. São Paulo, Abr./Jun, 2000.
- GUTIÉRREZ, Francisco; PRADO; Cruz. *Ecopedagogia e cidadania Plantária*. 2°. ed. São Paulo, Cortez: Instituto Paulo Freire, 2000.
- HOLMGREN, David. *Permaculture: principles and pathways beyond sustainability*. Austrália: Holmgren Design Services, 2002.
- LEGAN, L. A escola auto-sustentável: eco-alfabetizando pelo ambiente. São Paulo: Imprensa oficial do estado de São Paulo, Pirenópolis: IPEC, 2004.
- LINS, Juliana. *Etnobotânica e educação do campo: construindo uma proposta metodológica*. Viçosa, 2009. Monografia [Curso de Ciências Biológicas] – Universidade Federal de Viçosa, 2009.
- MOLISSON, Bill; HOLMGREN, David. *Permacultura um: uma agricultura permanente nas comunidades em geral*. São Paulo: Ground, 1983.
- NICOLESCU, Basarab. *Um novo tipo de conhecimento – transdisciplinaridade*. 1° Encontro Catalisador do CETRANS – Escola do Futuro – USP. Itatiba, abril 1999.
- SANTOS, Boaventura de Souza. *A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- SILVA, Lourdes Helena. *As experiências de formação de jovens do campo: alternância ou alternâncias?* Viçosa: UFV, 2003.